



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP
Conselho Estratégico de Informações da Cidade

CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE

Ata da reunião de 08 de maio de 2019

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

Estratégias de participação cidadã no Plano de Desenvolvimento Sustentável - Etapas e Resultados Preliminares da Plataforma Participa Rio

O presidente do Instituto Pereira Passos deu início à reunião e realizou as seguintes observações:

- Obrigado pela presença de todos nesse momento brasileiro tão conturbado, com um grande debate sobre o Censo, também. Enfim, vamos tocando nossa vida aqui.

- A Prefeitura tem uma coisa positiva: está procurando tocar seus planos com o corpo técnico da casa. Aí a Ana pediu para vir aqui e eu também estava conversando com ela sobre alternativas. Parece que a Câmara Metropolitana, que é um tema muito caro a nós aqui, foi criada. Na verdade, já existia com o nome "Câmara", mas parece que adotaram agora o apelido "Câmara da Lei" que foi criada sobre a região metropolitana. Quem não tem acesso, podemos estar passando, o Pedro participa bastante disso. Tiraram o nome "agência" na última versão feita pela Assembleia Legislativa e eu acho que essa última versão ficou bem feita. Essa governança metropolitana está muito empoderada. Tem o Conselho Consultivo, que eu acho que é bom vocês ficarem sabendo e eu estarei representando a Prefeitura nesse conselho, junto com a Ana.

- Agradeço novamente a presença de todos.

Em seguida, foi dada a palavra a Ana Carla Badaró Moreira Prado. Os tópicos apresentados por ela foram os seguintes:

- Há alguns meses atrás já tínhamos feito uma apresentação para vocês, sobre o que imaginávamos como desenho do Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS), como efetivamente um plano de Estado, que desejamos deixar como legado para a cidade. Achamos que seria super importante voltar aqui, já que já tínhamos vindo mostrar como isso iria se dar inicialmente. Agora estamos em uma fase importante, que é o fim do panorama, do diagnóstico do território. Nesse segundo semestre, estamos começando a, de fato, colocar a mão na massa para desenhar os projetos, indicadores e metas objetivas para o alcance do plano. A gente tem como objetivo primeiro, dentro desse desenho de plano, ter metas muito bem desenhadas com indicadores muito bem estabelecidos, para que a gente possa, de fato, acompanhar se estamos efetivamente no rumo certo para alcançar aquela visão que iremos propor para o PDS. E, mais do que tudo, estamos pegando os planos que existem hoje na Prefeitura, como o Plano Diretor e o Plano de Mobilidade e reler esses desenhos em cima do que estamos planejando para o PDS. A nossa expectativa é que daqui a algum tempo, imagino

que bastante curto, publiquemos alguma legislação pedindo uma revisão de todos os planos setoriais à luz desse plano maior que está vendo a cidade sob todos os seus aspectos.

- O Plano foi desenvolvido com esse objetivo, de nortear as ações da Prefeitura a longo prazo para orientar as políticas de Estado e, com isso, estar propondo uma revisão dos planos setoriais à luz desse plano maior. Isso vai ficar para um segundo momento, mas já temos expectativa de estar trabalhando no segundo semestre não só com esse plano maior, mas com o Plano de Resiliência, que entendemos que é urgente. A gente tem recebido alguns *inputs* de alguns planos estratégicos setoriais, como IPLAN, PGM, CGM. Estamos, também, participando e reorientando esses órgãos e entidades para estarem alinhados a esse Plano Sustentável, para com isso criarmos uma agenda de Estado, pela qual a cidade se veja e se perceba nela, saiba onde é o melhor a se chegar nesse momento. Mas até isso, esse entendimento de onde queremos chegar, não pode ser um entendimento meu, nem do Daniel Mancebo, nem do Mauro Osorio e nem da Prefeitura, tem que ser um entendimento de cidade e esse é o foco que estamos dando. E é por isso, também, que achamos importante vir aqui nesse momento participar e dar ciência a vocês do que estamos fazendo.

- Dentro desse plano, vamos definir as expectativas de cidade para 2050, estabelecer ações e metas. Nesse plano, na verdade, o projeto é de que tenhamos uma visão para 2050, mas a gente imagina que esse ciclo seja quebrado a cada 10 anos. Então, nesse primeiro momento, vamos estabelecer ações e metas para 2030 e então buscamos a agenda da ONU para o desenvolvimento sustentável como eixo orientador para esses primeiros 10 anos. O plano está muito focado nos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU. Sobre o cronograma, quem vai falar melhor é o Samir, mas é basicamente isso. O primordial é que tenhamos a participação social como premissa para a construção desse planejamento. Nós entendemos que a cidade tem que se entender traduzida nesse plano, a cidade tem que ser a dona desse plano. E nós só construímos isso se houver uma participação efetiva da sociedade, não só dos técnicos da Prefeitura, mas mobilizando, também, a academia, que aqui está muito bem representada; organizações sociais; entidades de classe; empresas e associações importantes; e a sociedade como um todo. Eu não vou me estender porque vou terminar entrando na área dos técnicos, que sabem falar muito melhor que eu sobre o detalhamento do plano, mas é um convite para vocês estarem juntos conosco, fazendo essa participação.

Em seguida, foi dada a palavra a Samir Costa, coordenador de Macroplanejamento da Casa Civil. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:

- Eu sou Samir, coordenador de macroplanejamento do Escritório de Planejamento, o Daniel Mancebo é o nosso Coordenador e Ana Carla é a nossa subsecretária.

- A linha mestre do nosso plano é a pergunta “como os cariocas querem viver em 2050?” Essa é uma perspectiva interessante da construção do nosso plano, antes mesmo de pensarmos em desenvolver qualquer tipo de meta, ação ou objetivo. É importante absorver das pessoas de uma forma muito clara, transparente e plural quais são essas grandes perspectivas que se esperam para 2050. Isso é um processo que já vem sendo construído internamente entre os técnicos da Prefeitura e praticamente todos os setores da Prefeitura, pouquíssimos estão de fora, quase todos os setores já estão discutindo o PDS conosco e construindo essa perspectiva técnica da cidade que a gente espera para 2050. Até criando insumos e elementos necessários para nos comunicarmos melhor com as pessoas durante essa construção no próximo semestre. A Ana já falou desses pontos importantes e a ideia é quebrar essa perspectiva para 2050 em três grandes ciclos com ações e metas muito bem definidas, com projetos, orçamentos, e sabendo quais elementos contribuiriam para o alcance de determinados resultados. E o primeiro ciclo de 2020 e 2030 vem sendo construído nesse processo. Um grande desafio é que ele está muito vinculado à agenda da ONU, dos ODSs da ONU.

Sobretudo porque essa agenda tem um caráter plural, integrador e nos desafia o tempo inteiro a fugir de cálculos de médias, tem perspectivas extremamente integradas e transversais entre os próprios ODSs. É uma perspectiva interessante para construirmos nossas propostas de ações e metas para 2030. A cidade do Rio é signatária desse acordo dos ODSs, então acabamos dando conta dessa agenda, também. A ideia é construir outro ciclo entre 2030 e 2040 e outro ciclo de 2040 a 2050, tendo 2028 e 2038 como marcos importantes para a retomada desse processo que estamos tendo agora, de discussão para a construção do novo ciclo.

- “Não deixar ninguém para trás” é o grande lema dessa agenda da ONU e isso já traz para nós um super desafio, de buscar fugir do lugar comum o tempo inteiro. Gosto muito de falar nessa etapa sobre projetos importantes da Prefeitura que já vão nessa perspectiva, se olharmos para um projeto como o “Territórios Sociais”, ele tem um aderência enorme nesse processo. Ele é um grande exemplo do que é não deixar ninguém para trás, por meio da busca de chegar naquele indivíduo que muitas vezes nem mesmo nas estatísticas aparecia. Então isso é super motivador para se inspirar na construção dessa agenda. O PDS, seria então, um grande guarda-chuva de perspectivas para orientação de outros planos. Nem todos os planos avançam no sentido de terem ações, metas, projetos com orçamento, mas a ideia é que eles busquem no PDS essa inspiração para sua condução. A Ana já começou a falar sobre isso, mas é importante ressaltar que alguns órgãos já estão participando desse processo conosco, nas suas etapas de revisão de planejamento, como a empresa de informática do município, a IPLANRio, que nos chamou para apoiar na construção dessa discussão. A ideia é de que eles já tenham o seu planejamento estratégico completamente integrado à perspectiva do PDS. É interessante como isso foi quase uma demanda espontânea dos participantes do PDS em jogar essa agenda para dentro da revisão de suas atividades setoriais. Outros órgãos estão conversando com a gente, mas são cenas dos próximos capítulos, então não vou adiantar isso.

- A ideia é que o Plano Diretor e demais planos setoriais sejam revistos a essa luz. E que os planos estratégicos que tenham um caráter diferente de um plano de Estado e estejam mais vinculados a um plano de governo, sejam alimentados o tempo inteiro com esse processo. Acho que a grande ideia e o suprassumo do planejamento, sobretudo numa perspectiva de planejamento com técnicos da casa, é que os planejamentos estratégicos sejam muito mais contaminados com plano de Estado do que normalmente a gente vem fazendo. Se tivermos planos estratégicos que tenham um vínculo muito forte com promessas de campanha e planos de governo cada vez mais fortalecidos e alinhados com uma perspectiva de planos de Estado, bem fundamentados e diagnosticados, com ações muito bem definidas, a gente faz um golaço nos próximos ciclos de governo daqui pra frente. É um super desafio, obviamente, mas é algo que queremos enfrentar.

- Ao longo da construção do PDS com o comitê – temos um Comitê de Desenvolvimento Sustentável do qual participa quase toda a Prefeitura – foi natural que buscássemos temas transversais, que integrassem as políticas setoriais tal qual elas são trabalhadas na atualidade. As políticas setoriais têm um caráter muito marcado com a própria estrutura funcional da Prefeitura. Então entendemos, até bebendo nessa política transversal dos ODSs, que de forma estanque não conseguiríamos avançar numa política que deveria ser mais transversal, por isso houve uma construção no PDS, com seu comitê, de quatro grandes temas transversais e um 5º de governança alinhando esses processos. Os quatro grandes temas transversais que representarão as linhas condutoras dessa discussão sobre as políticas setoriais são: 1) mudanças climáticas e resiliência; 2) longevidade e qualidade de vida; 3) cooperação e paz; e 4) igualdade e equidade. Entendendo essas temáticas como os grandes macrodesafios que temos em uma perspectiva de longo prazo.

-Já estamos nos articulando com alguns atores importantes para que eles sejam os “super parceiros” em cada uma dessas temáticas, são temáticas partes da sua própria existência. O

C40 já vem no tema transversal de “mudanças climáticas e resiliência” fazendo um trabalho mais até do que parceria, ele vem conosco construindo essa política de uma forma muito intensa. Estamos desenvolvendo um plano de ação climática junto e dentro do PDS, isso é uma inovação do Rio de Janeiro em relação a outras cidades do mundo que estão fazendo seus planos de ação climática com o C40. A ideia é que a gente construa esse plano completamente incluído no processo de debate do PDS, como parte dele. Isso é algo inovador e o C40, inclusive, vem apresentando para outras cidades como algo inovador. A ONU-Habitat já abraçou o tema de “igualdade e equidade” como um elemento fundamental para a construção de sua política, entendendo as cidades como esse espaço onde o debate de igualdade e equidade se dá de uma forma muito intensa. Esperamos, inclusive de vocês se puderem, sugestões para parcerias nos outros dois temas. São temas que já temos alguns nomes e parceiros em vista, mas precisamos esgotar um pouco mais o debate em relação a qual o grande parceiro que poderíamos ter para tocar o debate de “longevidade e qualidade de vida” e “cooperação e paz”.

- Essa é uma nuvem de pontos já feita a partir dos debates de qual visão teríamos para a cidade em 2050. Feito de uma maneira exaustiva com os técnicos da Prefeitura, no Comitê do Desenvolvimento Sustentável. Então, essas foram algumas palavras que apareceram com muita força quando foi provocado o debate sobre qual seria a perspectiva da cidade na “longevidade e qualidade de vida” para 2050: acessibilidade; lazer; trabalho; ciclos de vida; saúde; mobilidade; convívio. Estamos falando de uma média de 40 a 60 técnicos participando desses eventos, então há uma representatividade interessante. Alguns números explicam um pouquinho o porquê desses elementos serem muito fortes. Se você analisar a distribuição da população por faixa de idade entre 1991-2010 e a variação percentual, entendemos que o crescimento do número de idosos na cidade vem acontecendo de uma forma muito intensa. E as perspectivas e os diversos estudos de projeções futuras, por mais que você tenha alguma perspectiva de alteração ou crítica ao estudo, todos eles normalmente indicam um aumento muito grande do número de idosos. A gente precisa pensar nessa cidade do futuro, como uma cidade com a pirâmide etária bem diferente do que a que temos nos últimos anos. E ela já vem mostrando essa mudança. Houve 85,44% de variação positiva entre a população com mais de 70 anos de idade e 43% de variação positiva entre a população com mais de 50 anos de idade até 69 anos. Então estamos falando de um crescimento muito grande, quando vemos a população de 0 a 17 anos, que apresenta uma queda de quase 10% nesse mesmo período. Então precisaremos repensar a cidade com uma perspectiva etária do que temos. Se pensarmos nas nossas calçadas, travessias, mobilidade e acessibilidade de edificação, entendemos que temos um caminho desafiador pela frente. Se olharmos a variação na pirâmide etária do período entre 2000 e 2010, vemos que há um incremento em praticamente todas as faixas acima dos 60 anos de idade, isso é algo importante para a gente lidar com o PDS.

- Falando de “igualdade e equidade”, a nuvem de pontos mostra palavras como: acesso, alimentação, acessibilidade, assistência, segurança, mobilidade. A palavra “mobilidade” vem aparecendo independente das discussões que fazemos, o transporte como um dos elementos integradores das quatro grandes áreas, outros elementos são educação, tecnologia e acesso.

- Alguns números do IPS de 2016. O IPS é interessantíssimo como ferramenta de análise territorial. Se analisarmos o acesso à cultura, verificamos uma discrepância enorme entre as diversas regiões administrativas da cidade, a partir da metodologia do IPS. Uma concentração muito grande de acesso à cultura na região central e zona sul da cidade, se comparada a outras áreas. Trabalho infantil, também, uma concentração muito clara em determinadas porções da cidade. A gente precisa jogar para dentro do Plano uma perspectiva territorial clara, forte, uma análise das nossas realidades. Outro exemplo é a mortalidade infantil, até para efeito de comparação, em 2016 tínhamos 14 mortes por 1000 nascidos vivos em uma média

nacional e, falando da cidade, temos um número de 0.8 a 5.9. Comparando com o Brasil como um todo, estamos em uma posição interessante naquele momento. Mas ainda assim, temos um enfrentamento das desigualdades territoriais dentro da cidade que precisamos trazer para a perspectiva do Plano.

- Falando de “cooperação e paz”, a nuvem de pontos mostra palavras como: redes; força; união; segurança; participação; inovação e construção. A ideia é discutir como criamos uma cidade mais segura; como diminuimos mortalidade no trânsito; como fazemos um desenho urbano mais seguro, protegendo o pedestre e o motorista; como criamos calçadas mais seguras para os cariocas; como criamos espaços menos propensos à criminalidade, em função de uma questão de uso do solo, desenho urbano, perspectivas sociais, enfim. A ideia desse tema de “cooperação e paz” é um desafio que precisamos porque se tivermos um olhar atravessado para esse tema podem acontecer coisas muito ruins e perigosas, é importante que tenhamos um enfrentamento bem plural nessa temática. Um exemplo disso são as taxas de homicídio de jovens negros, com uma concentração territorial absurda na região administrativa da Pavuna e no Alemão. Sobre a violência contra a mulher, há um destaque para Guaratiba, Caju.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Por que as taxas de violência contra a mulher são maiores em Guaratiba?

Arueira: Provavelmente estrutura familiar. É uma área mais antiquada.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mais conservadora nos costumes?

Arueira: Não diria mais “conservadora”, mas se você olhar a ocupação, ela é a mais rural da cidade do Rio. É mais isso, imagino eu. É um chute, não tenho dados pra confirmar isso.

- Uma análise interessante que normalmente a Guarda e a COAB vêm já acompanhando são os crimes que eles chamam de “crimes de baixo potencial”. Se alguém tiver alguma dúvida sobre isso, temos aqui a listagem de quais seriam. Nesses crimes, a Guarda poderia atuar mais diretamente, não tendo uma perspectiva de braço armado. De 100% do território da cidade, o que dá 14 mil graticulas de 300 por 300 metros, temos 100% desses crimes de baixo potencial em quase 5 mil graticulas, tirando os maciços, enfim. Pegando uma perspectiva de Pareto, se considerarmos 80% das ocorrências, já cai para 1307 graticulas. Pegando 80% das ocorrências, já cai consideravelmente o número de graticulas, isso numa avaliação de dados de janeiro a dezembro de 2015, utilizando dados do ISP.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: a concentração maior é no Centro...?

- Centro, Zona Sul e uma parte da Zona Norte.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Então quer dizer que 80% dos crimes de baixo potencial acontecem nessas regiões?

- Sim, nessas regiões. Mas isso em 2015 e eles vêm atualizando esses números.

- Se pegarmos 30% dos crimes de baixo potencial, vamos ver que eles se concentram só em 122 quadrículas.

Daniel Mancebo: o Rio Presente, o Centro Presente, veio depois disso daí em 2015. Talvez seja um reflexo disso. O Centro Presente foi implementado exatamente em 2016.

- Sim, e foi exatamente fruto desse estudo.

Aparte do conselheiro Jailson de Souza e Silva: Então quer dizer que 122 quadriculas concentram 30% dos crimes de baixo potencial?

- Sim, uma área territorial muito pequena e há uma concentração grande de crimes.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mais de 30% dos empregos estão no Centro, mas será que o efetivo da Guarda Municipal tem correspondência com isso? Onde fica o efetivo?

- Essa é uma pergunta difícil. O Centro Presente nasce em função dessas discussões.

Aparte do conselheiro Israel Sanches Marcelino: Na época que esses dados foram recolhidos, em 2015, já havia essas operações?

Aparte de conselheira: já existia a Operação Segurança Presente, mas o Centro Presente não.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Eu apostaria que tem uma correlação muito maior com renda do que com a presença da guarda.

- Copacabana não está muito bem, não. Não querendo justificar nada, até porque não tenho essa perspectiva...

- Pensando em mudanças climáticas, as palavras que mais apareceram nas dinâmicas internas foram: resiliência; consumo; agora, entendendo que já temos que pensar no agora; adaptação; futuro; legado; recursos; usos; reuso; crise.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: as que mais apareceram foi “futuro” e “agora”.

Daniel Mancebo: Eu diria até, que depois dessas enchentes aqui no Rio, nesse período entre 2015 e 2019, não foi um período crítico em relação às últimas intempéries do Rio, mas agora, sim, atingiu um ponto talvez fora da curva, considerando os fenômenos que aconteceram esse ano na cidade.

- Aqui são alguns dados do Centro Clima, o pessoal da Coppe já vem estudando isso há algum tempo, acompanhando como essas mudanças vêm fortemente acontecendo no Rio de Janeiro. E já está passando do tempo de tomar medidas drásticas em relação à adaptação e mitigação dessas mudanças climáticas.

- O objetivo não é tanto avaliar os dados, mas colocar em discussão que esse é um tema fundamental e importante. Mas analisando alguns dados que separei com mais destaque, pegando a variação do número de ressacas por ano no Rio de Janeiro, vimos que de 1960 pra cá há um aumento considerável. Pode estar associado à melhoria das nossas medições, mas de qualquer maneira, acho que é um número enorme, um crescimento significativo, que acho que não se deve apenas às melhorias nas condições de medição. Hoje, as marés meteorológicas já atingem um metro positivo, considerando maré meteorológica aquilo que acontece acima do que é previsto para aquele lugar naquele momento.

Aparte de conselheiro: Quais são as fontes?

- É o Centro Clima, peguei com o professor Emílio. Tem que dar uma verificada com detalhes no estudo.

- Aqui, um exemplo de um estudo do IPP que o Felipe Mandarinou participou, sobre a vulnerabilidade de elevação do nível médio do mar na região metropolitana do Rio de Janeiro. Enfim, até para termos em mente como algumas ações implementadas vão trazendo resultados significativos nessa temática. Pegamos precipitações de 245mm em 24h, 181, e o número de mortes nessas datas super emblemáticas. A partir da chuva de 2010 temos a construção do COR como um grande centro de resiliência na cidade, coordenando ações

emergenciais nesse eventos; ações de prevenção; processos que devem ser implementados muito rapidamente para evitar danos maiores; o sistema Alerta Rio e outras coisas interessantes que surgiram a partir desse processo. E maior chuva que está listada nessa tabela, que foi a que tivemos recentemente no mês de abril, em 24h foram 323mm, ainda temos um número vergonhoso de 10 mortes. Mas uma queda considerável em relação ao que vínhamos tendo no passado.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: eu já havia discutido e feito um debate sobre isso. Mas eu acho que se levar em conta o número de pessoas desabrigadas, a gente vai ver uma queda mais consistente que veio lá de 1966. Eu gosto muito do COR, estivemos lá recentemente, mas talvez fique um peso excessivo só em cima do COR. Porque houve contenção de encostas, criação da GeoRio... se não fosse isso, o resultado de hoje seria muito diferente.

Aparte de Conselheira: A GeoRio nasce logo depois da chuva de 1967. É o marco de sua fundação, e em 1968 ela é ampliada. Em 1998 é criada a Rio Águas.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: é impressionante como as maiores precipitações estão sendo empurradas para o outono. Não sei se ainda é um padrão, mas aconteceram essas grandes chuvas em abril de 2010 e agora em abril de 2019 caiu 323mm, que é uma chuva muito intensa.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Que é o máximo de chuva da série histórica e o com menos vítimas fatais.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: existe o Arquivo N, que diz o seguinte: “nunca no Rio de Janeiro se fez nada em relação às enchentes”. Está exagerando um pouco. Essa é uma discussão importante, fica uma boa parte da mídia o tempo todo batendo no setor público em relação a isso. Quando olhamos, desde 1966, teve um conjunto de ações. Se pega o número de desabrigados, por exemplo, além do número de mortos, se vê que há um consistente investimento pesado do poder público.

- Essas ações podiam ser pontuadas, pelos menos os marcos mais importantes.

Aparte do conselheiro Israel Sanches Marcelino: Eu não sei se o indicador existe, por mais dura que possa parecer essa sugestão, mas se você analisa uma chuva como a de 1966, que matou 127 pessoas com um volume de chuvas de só 181mm em 24h; e se você analisa a chuva de 2010, que tem quase o dobro de volume de chuva e vitima menos pessoas; observando a evolução entre 1966 e 2010; poderia construir uma espécie de índice de letalidade, “mortos por milímetro”, não é simpática a sugestão, mas acho que tem valor do ponto de vista analítico. Mensurar o quão intensa é a chuva e a sua letalidade.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: E se você analisar, 2019 tem o maior índice de precipitação e o menor índice de mortes.

Aparte do conselheiro Israel Sanches Marcelino: Acho que isso converge com o argumento do Mauro no seguinte sentido: há uma construção de longo prazo e a construção do COR é, talvez, um ponto de culminância.

Aparte de conselheiro: Tem que ver onde cai a chuva, também. Se a chuva cai na Zona Sul, morre menos gente. Mas já se a chuva cai em lugar que tenha morro, vai morrer muito mais gente.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mesmo assim, se analisar a série histórica, mesmo considerando esses fatores, vemos que melhorou muito.

Arueira: Mas não dá pra fazer essa conta tão imediata porque existem algumas características que impactam nisso. Por exemplo, se não me falha a memória, em 1967, o que aconteceu foi que uma creche ou um hospital que desabou...

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Não, isso foi mais recentemente, foi um hospital em Santa Teresa, em 1988. Desceu uma avalanche de pedra, e foi uma chuva concentrada na Tijuca e Santa Teresa.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Concordo com a observação do Arueira, mas o fato é que a criação da GeoRio, o Favela Bairro...

- Se a gente achar pelo menos um número de ocorrência, quantos mortos em relação ao número de ocorrências que levaram à morte, vale dar uma regulada aí. De repente, em conjunto, a gente pensa em um indicador, porque é interessante.

Aparte de conselheiro: Tem que ter em mente que a cada vez vão ser mais severos esses eventos. Eu nunca vi vento de 120km/h no outono, normalmente isso acontece na saída do inverno para primavera, que é quando começa a esquentar, em setembro. Já teve vendaval violento nessa época, mas no Outono?

Felipe Mandarin: Tem um estudo da GeoRio que compara chuva com consequências, incluindo mortes. É algo bem nessa linha. Tem um artigo publicado, posso tentar encontrar e encaminhar para o Mauro.

- Na linha do tempo que estamos construindo, estamos numa etapa interna de fechamento dessa perspectiva de visão para 2050. Nessa perspectiva, estamos buscando o engajamento de parcerias externas, como já falei anteriormente. É o que queremos fazer nas próximas duas semanas, para começar a ter esses parceiros externos discutindo o plano com os técnicos da Prefeitura. A Aline vai falar sobre o Participa.Rio daqui a pouco, então vou pular essa parte. A partir de junho e julho, começamos a discutir as definições de metas para 2030, após desenhar essa visão de 2050. E, no segundo semestre, fazemos um intensivo e exaustivo, porém um enriquecedor processo de participação social. Vamos contar demais com vocês nisso, para tentarmos envolver a academia, as comunidades, organizações de um modo geral da sociedade, ONGs, etc., para ampliar esse debate ao máximo. A participação online, toda vez que alguma grande ONG ou parceiro retuita e replica as nossas ondas de participação, temos um incremento enorme no número de votos. Então, convido vocês, após o fim da apresentação, a entrarem na plataforma e em suas redes sociais e mandarem ver numa divulgação para a gente, porque ajuda demais na nossa discussão.

- A grande ideia é tentar em março de 2020, o lançamento oficial do Plano. Deixando os primeiros meses de 2020 para diagramar, produzir material, arte final, enfim, e o processo de divulgação para o lançamento em primeiro de março do ano que vem.

Em seguida, foi dada a palavra a Aline Xavier, coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento. Os tópicos apresentados por ela foram os seguintes:

- Eu sou Aline Xavier, coordenadora de estratégias de planejamento, do Escritório de Planejamento, e vou falar um pouco sobre como estamos trabalhando com a participação. Esse Plano tem um foco muito grande na participação e, desde o início, temos criado estratégias para dinamizar e potencializar essa participação. Separamos em duas fases, participação presencial e participação online, ambas acontecem ao mesmo tempo, mas são dois braços bem diferentes. Na participação presencial, estamos a dividindo em participação da comunidade; ativar a participação de técnicos dentro e fora da Prefeitura, considerando instituições não governamentais; e a participação com a rede de educação. Essa participação com a rede de educação é um foco muito grande, que estamos priorizando, onde temos a participação de crianças e adolescentes, por meio de uma parceria bastante importante com a Secretaria de Educação. E, no braço da participação online, contando com uma super parceria do IPP, lançamos a Participa.Rio, uma plataforma de participação que vou falar melhor ao longo da apresentação. Falando da participação presencial, sobre a participação nas comunidades, temos a previsão de iniciar os encontros presenciais no segundo semestre desse ano. Vamos ter a partir do segundo semestre um conteúdo bastante definido, partindo do trabalho do Comitê do PDS, já vamos ter a definição da visão 2050. Queremos pegar esse conteúdo que foi desenvolvido com a participação de técnicos e parcerias externas, também, e validá-lo com a participação presencial nas comunidades. Como eu falei, temos um foco muito

grande na parceria com as escolas, queremos muito que elas se configurem como referências dessa participação territorial. A ideia é que trabalhem com a SME e as superintendências em reuniões integradas. E a intenção é que a partir dessas reuniões nas escolas, que elas possam catalisar a participação de pais, comerciantes e a comunidade desse território como um todo. Isso é o nosso planejamento, ainda não começou, a previsão é que se inicie no segundo semestre.

- Em outro braço, temos a participação de técnicos externos e internos, e nisso contamos com uma parceria muito importante da ONU Habitat, eles proporcionaram a partir desse Laboratório Urbano de Responsabilidade Pública, que é um projeto deles, cinco oficinas de capacitação para técnicos da Prefeitura e também estamos levando instituições de fora da Prefeitura. Na verdade, eram oficinas de capacitação, mas muito mais que capacitar, coletamos muitas propostas. O técnico foi lá se capacitar, mas ele contribuiu muito mais até do que esperávamos. Essas oficinas foram divididas em temas de governo aberto, então os temas das oficinas foram: participação social; transparência e dados abertos; agenda 2020 e 2030 para a educação, que foi uma oficina específica que fizemos com a participação da SME e de professores, com um alcance mais macro, para toda a rede; a quarta oficina foi sobre a nova agenda urbana, 2020 e 2030; e a última, que foi ontem, o Laboratório de Inovação na Gestão Pública. Tivemos um *feedback* bastante positivo dessas oficinas, mais do que capacitar, cada oficina teve um foco em propostas para o PDS, então foram apresentadas várias ferramentas e instrumentos. Foram oficinas que duraram um dia inteiro, e sempre, nas dinâmicas, provocamos todos os participantes para que contribuíssem com propostas para o PDS nos temas afins. No final, tivemos muitas propostas, bem interessantes, e ainda estamos fazendo um levantamento e sistematização delas. Mas em dados preliminares, na oficina de transparência, foram 14 sugestões bastante interessantes para serem incorporadas ao PDS; na oficina das escolas, foram mapeadas 152 ações de implantação de sustentabilidade, no total tivemos a participação de mais de 1000 pessoas capacitadas, mais de 1000 técnicos capacitados. Eu vou passar um vídeo para vocês, que resume um pouco as oficinas.

- Vídeo sendo reproduzido –

- É importante dizer que para cada oficina a gente convidou o comitê do Plano do Desenvolvimento Sustentável (PDS), mas dependendo do tema da oficina a gente convidou instituições de fora e de dentro da prefeitura que tinham mais afinidade com o tema. E no final a gente conseguiu configurar também subgrupos para as decisões desses temas para dentro do âmbito do PDS. A gente teve um *feedback* bastante positivo.

- Em resumo, para vocês terem uma ideia, a gente teve um total de 1307 pessoas capacitadas, convidamos 32 órgãos externos da prefeitura e 52 órgãos internos. De fato, tivemos uma participação muito ativa. As pessoas mostraram muito interesse e foram muito participativas nas dinâmicas. As dinâmicas foram muito interessantes e renderam resultados bastante bons.

- Vou emendar no terceiro braço de participação presencial que é essa participação que a gente faz com a rede de educação. A SME tem sido uma super parceira nossa e a MultiRio também contribui para consolidarmos essa parceria e trabalho junto à rede de escolas. Essa foi uma das oficinas da ONU que acabamos de falar, mas eu queria destacar essa oficina porque foi uma oficina que a gente fez através das tele salas, e que contou com a apresentação e participação do Secretário de Cultura. O Daniel falou sobre o PDS, a ONU falou, a gente colocou o pessoal de Nairóbi ao vivo e transmitimos para os professores e foi bastante legal isso ter acontecido.

- A ONU apresentou para a SME um cenário de como as escolas de algumas cidades do mundo têm inserido o tema “sustentabilidade” na educação infantil dentro da rede pública. Foram exemplos bastante interessantes, foram feitas várias mímicas com os professores, formação de nuvens de palavras. Aqui aparecia no telão todas as salas e por isso foram mais de 1.000 pessoas, pois as tele salas foram muito importantes para esse processo.

- Durante essa oficina a SME, junto com a gente, por meio da MultiRio, lançou o concurso do personagem e a gente apresentou o personagem do PDS. Então, isso está sendo desenvolvido lá... A MultiRio está junto com a gente criando o personagem do PDS que é para ativar melhor a atenção e mais participação das crianças para o tema.

- Esse é um vídeo de lançamento e de ativação para a participação no concurso. Então foi lançado lá e esse é o personagem [faz referência ao slide], não tem nome ainda. Foi criado um projeto pedagógico para as crianças contribuírem para a seleção do nome do boneco. E também foi lançado nesse dia um livreto do PDS, também desenvolvido com a secretaria de Educação e a MultiRio, que tem uma linguagem amigável e infantil. Por meio dele, a gente apresenta para as crianças todos os ODS, o próprio personagem apresenta e fala em uma linguagem bastante fácil e sintetiza os objetivos da ONU.

- A SME já fazia um trabalho importante sobre sustentabilidade nas escolas e isso (concurso do personagem) contribuiu para potencializar bastante esse trabalho. A SME lança então todo o regulamento sobre o concurso do personagem e a partir da ativação, do chamamento do concurso do personagem têm suscitado muitas atividades nas escolas e a participação das crianças tem sido bastante grande.

- O concurso é todo normatizado. A primeira fase do concurso é direcionada só para a rede municipal, então tá sendo um trabalho interno, não tá ainda na plataforma. Cada CRE irá selecionar no final um nome e aí tem uma premiação para as crianças. E a partir de junho, então, esses onze nomes que foram selecionados vão para plataforma Participa.Rio para todas as crianças e todas as pessoas poderem votar e escolher o nome do boneco.

- E a partir desse concurso vários trabalhos estão sendo feitos nas escolas, construção do boneco... e aí a gente têm recebido bastante feedback da secretaria de Educação. Eles estão muito animados com essa reintrodução do tema nas escolas.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária do Escritório de Planejamento:

- A ideia é começar essa etapa das crianças terem a percepção através dessa plataforma lúdica que é o boneco, do que são os ODS. Mas a gente já está desenhando uma forma das crianças também participarem da construção do plano. Então, hoje a gente está tendo uma série de reuniões para discutir sobre as maneiras que a gente pode, através das atividades que as crianças estão fazendo nas escolas, perguntar para eles o que eles esperam da cidade para 2050.

- E essas contribuições serão feitas não só pelas crianças nas escolas, mas também quando a gente fala de usar as CREs, as escolas escolhidas pelas CREs. Esse piloto local dessa participação da comunidade nas instituições é muito no sentido de aproveitar a rede que as escolas já usam, que é a rede dos pais engajados. Eles têm uma série de atividades, conselhos escolares e a gente vai utilizando esse momento da escola com os familiares para introduzir o conceito do PDS e também colhendo informação sobre o desejo dessas pessoas em relação à cidade.

Então realmente isso está permeando todo o currículo escolar, seja pela disciplina de arte, português, leitura de texto, gramática etc. Esse conteúdo está sendo passado de alguma forma, tendenciado a questão sustentável. E de outra forma, não só a gente está dando esse conhecimento para a sociedade por meio das crianças e dos educadores, mas a gente também está querendo absorver deles.

Aparte de Samir Costa, coordenador de Macroplanejamento da Casa Civil

- É importante você falar que, na verdade, a gente está falando de 1.500 escolas que têm uma capilaridade de território que é altíssima. Então, em todos os espaços da cidade você tem uma escola municipal próxima. Então, todos esses pilares transversais, a gente está falando, na verdade, de tentar ouvir o povo, ter uma escuta em relação a essas diferentes áreas de territórios para saber quais são essas questões de desigualdade, quais são as demandas específicas, qual é o potencial daquela localidade, várias delas com um potencial enorme. E, além disso, nesse universo de 1500 escolas, o que a gente vem mostrando com essa ideia é a articulação sobre uma questão pedagógica para que diferentes nichos dentro do universo da educação possam ser contemplados.

- Então, assim, por exemplo, a gente tá falando de educação de jovens e adultos, de ensino fundamental I e II, de educação infantil. Estamos falando de vários segmentos. Cada órgão vai reger com sua particularidade. Nada melhor que educação, que tem *knowhow* para capturar dali, desses universos, as contribuições, não só dos adultos, mas também principalmente da comunidade escolar envolvida.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

Só para complementar, a gente está com nosso planejamento de trabalho da SME no segundo semestre muito intenso. Estamos definindo com eles várias atividades, jogos presenciais, então a gente tem o objetivo de trabalhar mesmo, inclusive sob o ponto de vista do PDS, questões de identidade de território das crianças. Então alguns livros estão ajudando a gente nisso.

Aparte do homem de novo 1:05:00: Legal porque a MultiRio é uma potência em termos não só de qualidade em produção de culturas educacionais, mas principalmente nesse entendimento do que é a rede. Então, ela está totalmente articulada à Educação e a gente tem um cronograma com eles bem interessante até o final do ano de produção de conteúdo e materiais para dar suporte a eles nesse processo.

Eles foram um pouco modestos, mas há um sonho nosso em relação a essa conversa com a SME. Acho que a nossa grande ideia ao final de todo esse processo é que a gente consiga, com o PDS, consolidar a capilaridade da própria rede educacional como o órgão de instituição de políticas públicas no território. Hoje tem técnica, tem tecnologia, só é um super desafio consolidar esse processo. Como é que a gente discute território com as pessoas a partir do espaço escolar? E como que a gente absorve essas demandas, essas necessidades, essas perspectivas para construção de políticas públicas? A gente tem que fazer uma via de mão dupla para além de uma proposta pedagógica. Como que o cidadão se relaciona com a cidade, com poder público, com a Prefeitura a partir do seu espaço escolar e constrói o seu espaço de vida ali naquele entorno.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: E que rede é essa? Metade dos alunos, dessa rede de mais de 600 mil alunos, é de famílias que recebem o auxílio do Bolsa Família, ou seja, ao contrário de tudo que a gente falou aqui, é você chegar não nas parcelas que normalmente a gente chega com mais facilidade. Quer dizer, na cidade de classe média e classe alta. Então é também uma capilaridade que vai atingir a situação da classe média mais baixa (C, D e E).

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

E a gente está trabalhando junto com a MultiRio para alcançar uma linguagem que é para fortalecer essa percepção de que participar do planejamento da cidade surte efeito sim. Então a gente quer fortalecer essa ideia para as crianças, fortalecer a identidade de como você entende seu bairro e toda uma linha de planejamento que estamos construindo com eles.

Aparte do conselheiro Luiz Roberto Arueira: Aline, uma sugestão que quero dar para vocês é para tentar utilizar mais o Armazenzinho de Dados para alcançar esse objetivo.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

Vamos falar agora um pouco da nossa atuação online. A gente, junto com o IPP, construiu uma plataforma de participação para planejamento da cidade, então o “Participa.Rio” tem o objetivo de ser uma grande plataforma, onde campanhas de participação setoriais possam ancorar sua participação. Então, o que a gente pretende é que isso seja uma grande base onde todos os órgãos possam criar campanhas e hospedar no “Participa. Rio” E a gente começa o “Participa. Rio” com a campanha do PDS

Apartes de conselheiros:

- É uma bela discussão. Fomos visitar 20 mil dos domicílios mais pobres da cidade do Rio de Janeiro e é uma situação de miserabilidade enorme.

- Muitas vezes não estão no Bolsa Família...muitas vezes não tem condição e nem informação e tem outros componentes que faz com que a pessoa não consiga acessar, muitos deles não estavam no Bolsa Família, muitos não tinham nem documentos. A maioria não tem documento e assim não consegue entrar no sistema

- Nas pequenas cidades do Nordeste a própria Prefeitura incentiva o cadastramento da família no Bolsa Família e a movimentar a economia local. Pois aqui me parece que não existe isso.

- Pois é, mas agora está existindo através do Programa Territórios Sociais onde uma das propostas é trazer as famílias para a Secretaria de Assistência Social, onde ela se inscreve no Cadastro Único para depois verificar se é possível receber ou não o Bolsa Família. Isto é um protocolo que está sendo seguido com todas essas famílias.

- Com certeza, nas pequenas cidades do Nordeste há muito mais facilidade de se chegar a esses benefícios do que em uma metrópole como o Rio de Janeiro.

- Eu acho que mais importante do que o Bolsa Família para as pessoas mais pobres é conseguir tirar seus documentos.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

- Então o “Participa. Rio” quando a gente inaugura, a gente quer fortalecer essa cultura de participação dos planos e então as secretarias e os setores podem ancorar aqui campanhas específicas de participação.

- Vou mostrar para vocês como está funcionando a estrutura da plataforma. Aqui no primeiro momento tem o vídeo da ONU falando das 17 ODS, ao clicar aqui já faz um link com um site específico que fala das ODS e aqui, depois que tem esse primeiro setor de conhecimento das ODS, a gente começa a desenvolver as ondas de participação.

- A primeira onda foi uma onda que a gente lançou na metade de novembro do ano passado e teve um objetivo muito específico de ativar o interesse e o conhecimento das pessoas, de modo geral, sobre as ODS. Então, a participação dessa primeira onda foi bastante direcionada a conhecer, identificar as prioridades e demandas locais de cada ODS.

- É muito importante territorializar as informações, então quando a gente criou junto com o IPP o formulário, a gente tem algumas informações que são bastante estratégicas para gente. Bairro onde mora, faixa etária, gênero. E esses dados foram construídos de forma a alimentar diretamente o SIURB e a partir disso a gente pode cruzar esses dados com outras bases de dados da cidade. Então na verdade, quando a pessoa vai votar, ela vai ser induzida a conhecer mais profundamente cada ODS e a partir daí, a gente pergunta quais são as ODS prioritárias para cidade e depois para cada bairro. E ali dentro das ODS ele já pode priorizar as metas de cada ODS para suas demandas pessoais

- A segunda onda nós lançamos naquela oficina da Secretaria de Educação, onde foi lançado o concurso do boneco... E a segunda onda cuida especificamente dos desafios da cidade. Então ela lança para participação, para consulta pública os desafios que foram definidos no comitê do PDS, no âmbito da construção do PDS. A gente pega os desafios principais e pede de novo para as pessoas priorizarem esses desafios. Então, quais são os três maiores desafios para o seu bairro? Para sua cidade? Para sua cidade e depois para o bairro que mora. E a gente também começa a deixar campo aberto para sugestão de novos desafios. De fato a gente constrói essa onda de participação a partir da participação dos técnicos da Prefeitura.

- A gente pretende lançar no meio de maio agora a terceira onda, que é uma onda que já trabalha com aquela construção que o Samir apresentou que são os quatro grandes temas transversais: longevidade, cultura da paz, mudanças climáticas e equidade. A gente está construindo essa onda para as pessoas priorizarem os temas mais importantes na visão de cada um, na visão de território de cada um, para o resultado disso nos ajudar a construir as metas e a visão 50.

- Na plataforma tem uma sessão dedicada ao público infantil, essa sessão que a gente tem construído junto a MultiRio, temos construído com eles jogos, tudo para ativar o conhecimento, para criar mais atratividade para o conhecimento dos ODS. Agora com a MultiRio estamos fazendo uma série de vídeos, então pegamos algumas temáticas mais corriqueiras. Então a gente está convidando especialistas para falarem, para gravarem pequenos vídeos, elucidando esses temas. E temos ainda uma série de ações em conjunto com a MultiRio que a gente pretende ir criando e alimentando a plataforma para ela ficar, de fato, bastante dinâmica e sempre interessante. Para as pessoas participarem das ondas e terem vontade de voltar à plataforma porque sempre haverá conteúdos novos.

Aparte de Samir Costa, coordenador de Macroplanejamento da Casa Civil

- Não é que a gente esteja encerrando as ondas à medida que elas vão avançando. A onda 1, apesar de não estar em evidência, ela ainda está ativa. Porque a ideia é que a gente faça um processo pedagógico de acompanhamento do processo. Então se alguém começa a visualizar essa agenda na metade dela, ele consegue reproduzir todas as etapas iniciais e se inserir nela na medida em que for acompanhando cada processo passado.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

- Depois vamos mostrar o *timeline* das ondas e os cronogramas e vai ficar mais fácil de entender esse processo.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Uma questão só de entendimento: a participação presencial é só com as crianças nas escolas?

- As escolas vão ser *hubs* de participações do território, da comunidade. Então, a gente quer que essas escolas se configurem como ponto de referência em participação, mas as escolas vão ancorar, vamos trabalhar com as superintendências também.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: E a virtual é aberta, né?

- A virtual é para todo mundo, mas tem essa sessão específica das escolas que a gente está construindo ao longo do tempo.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

- Não vou falar muito em detalhes, mas na plataforma a gente tem procurado deixar informações gerais que possam inclusive ser base para as escolhas, base para quando as pessoas entram para escolher as prioridades dos desafios, elas têm informações gerais e que são interessantes também para aumentar esse conhecimento sobre esse território.

- [Fazendo referência aos slides] Nesse quadro também, nessa sessão dos painéis, a gente também aproveita para colocar ações do Rio, então estamos pegando exemplos de boas ações que o Rio tem feito que a cidade tem feito e divulgando. E para que também fique mais transparente e clara essa construção do PDS.

- Mostrando um pouco como a gente pretende trabalhar com esses cronogramas. A onda dois está aberta, a onda um vai ficar sempre aberta porque é uma onda de informação importante. A gente está lançando a três agora e pretende fazer uma linha de corte aqui e trabalhar com os resultados da um, dois e três para fazer o fechamento desse primeiro ciclo do PDS. E a partir do segundo semestre, a onda quatro já vai ser uma onda muito casada com a participação presencial. Então a gente vai às escolas e vai fazer um trabalho bastante detalhado para definição das metas. E a onda cinco, a partir de 2020, vai ser uma onda de monitoramento. Então a gente também pretende deixar claro quais foram as definições do PDS e aí criar uma plataforma de acompanhamento.

- Estamos apostando muito nessa ferramenta, inclusive para garantir, provocar continuidade do plano. Só para vocês terem uma ideia a gente tem feito um esforço muito grande de divulgação do "Participa.Rio". Isso aqui ainda não foi para rua. Ainda é o planejamento, uma montagem. Mas a gente já colocou nos relógios, a gente pretende fazer folder, panfletar. E a gente tem pedido muito para os parceiros divulgarem em suas redes e promoverem essa participação.

- Vamos falar um pouco dos resultados para gente fechar. Dentro da plataforma você tem como acompanhar os resultados online. Então à medida que a pessoa vai votando, esses gráficos de resultados automaticamente já vão sendo atualizados. A gente está trabalhando em uma construção de pegar esses dados e trabalhar em mapas. Em breve teremos esses dados distribuídos numa análise territorial e esses dados tem permitidos a gente fazer diversas análises.

- Aqui embaixo temos a votação por bairro, então aqui puxando no detalhe, temos os bairros que mais estão participando: Tijuca, Campo Grande, Barra, Copacabana, Botafogo.

- E todos os gráficos são interativos, então se você quiser ver como a Tijuca está participando, você clica na Tijuca e todos os outros gráficos estão respondendo em relação à Tijuca. Quais os ODS prioritários para a Tijuca? Quais os individuais por bairro? Como está a votação por

gênero e faixa etária? Se a gente quiser, por exemplo, saber como está a votação por gênero a gente clica no feminino e aí vêm todos os dados relacionados a esses resultados.

Aparte do conselheiro Jailson de Souza e Silva

- Primeiro que esse tipo de projeto sempre é interessante para a cidade. Eu participei ativamente na época do Planejamento Estratégico e a gente não tinha muito um mecanismo de participação e era sempre um desafio. A primeira questão que a gente tinha no Planejamento Estratégico, a primeira coisa que estava muito evidente é que era um planejamento para a Prefeitura. Eu perguntava, por exemplo, o que vocês estão fazendo em relação à Maré? Tinham 19 escolas e passou a ter 44 escolas. E só tinham duas escolas de Ensino Médio. A primeira coisa que falavam que isso não era atribuição da Prefeitura. Mas, no meu pensamento, isso deveria ser uma atribuição da cidade. Estão pensando o prefeito como gestor da cidade ou como líder da cidade que vai criar as condições para viabilizar o ensino médio? Pois não tem cabimento você atingir até o nono ano e depois você não ter mais condições. Então me parece que esse é o primeiro caso. O primeiro problema era que se pensava muito mais no papel da Prefeitura da Cidade e com isso a segurança pública termina muitas vezes sendo secundarizada, assim como outros aspectos centrais.

- Então, a primeira coisa é pensar na cidade para 2050 e não pensar no papel da Prefeitura para 2050. Segunda, é a forma como a gente pensa a cidade para 2050.

- Ontem estávamos em uma mesa falando dos 25 anos do Favela Bairro e tinha uma discussão onde eu estava criticando os urbanistas e era dentro do IAB. E como os urbanistas trabalham ainda com a visão muito restrita pensando cidade apenas a partir da urbe.

- Perguntei para os meus alunos em sala de aula: onde tem mais cidade - Maré ou Barra da Tijuca? E meus alunos sempre riam, achavam engraçado. Até que teve um que falou "Claro que é a Maré. A Maré tem mais solidariedade, tem mais convívio, mais encontros nas ruas".

Tudo depende do conceito. Se a gente pensa a cidade como urbe sob a perspectiva romana, a gente percebe muito mais equipamento, eficácia das vias de transporte. E é obvio que isso a Barra da Tijuca tem mais do que a Maré. Se a gente vê a cidade como pólis, na perspectiva grega, a gente tem essa dimensão do encontro, do espaço público, da fala, do espaço coletivo de ação. Obviamente a Maré tem muito mais cidade do que a Barra da Tijuca.

- Eu morro aqui no Flamengo há nove anos em um prédio de 22 apartamentos e morreu outro dia um cara, e o porteiro tentando me explicar ao máximo quem era o cara, falando o nome e eu não tinha a menor noção. Quando eu morava na Maré era impensável um cara morar na minha rua há nove anos e eu não saber quem era.

- Ou seja, as dimensões da Pólis, da convivência, do encontro, da sociabilidade, são diferentes. É muito melhor ser velhinha na Maré do que no Flamengo.

- Então tem outra referência de cidade que vai para além da dimensão da urbe e que tem que ser trabalhadas.

- O IPS é ótimo e eu estava conversando com Humberto Verissimo no dia que fez o IPS no Amazonas. Adaptar o IPS levando em conta mecanismos que apresente o direito de ver a cidade. .A cidade hoje é... Eu tenho medo do outro, tenho medo da diferença, eu quero armas para eliminar as diferenças. Se a gente não pensar na cidade nesta perspectiva global, de ver quais os mecanismos que a pólis está utilizando para atingir essa condição de vida, nós vamos trabalhar com os indicadores tradicionais e falar em educação sem discutir, por exemplo, a questão de valorização da escola pública.

-Estava em um seminário semana passada em São Gonçalo que falava sobre valorização da escola pública. Uma professora que eu conheço há 20 anos que nunca estudou na escola pública falou trinta minutos e não conseguiu falar nada sobre valorização da escola pública. Porque para a faculdade de educação em geral, a escola pública simplesmente não funciona. Então se a gente não valoriza a escola pública, não trabalha autoestima... Pior coisa para quem é favelado é: ter vergonha da sua cor que é negra, ter vergonha da sua origem imigrante, ter vergonha de seus pais serem trabalhadores manuais, ter vergonha de estudar em escola pública que é estigmatizada, ter vergonha do lugar que mora.

- Então efetivamente você trabalha um processo de autoestima baixa que não faz com que as pessoas participem. A pessoa não acredita que tem um poder de participação. Então pensar participação é construir repertórios possíveis para que as pessoas participem. Não basta oferecer oportunidade, isso é ótimo, mas se não constrói o repertório necessário que permitam as pessoas acessar não vai ser colocar o CCBB na Maré que vai ajudar com que as pessoas entrem ali dentro.

- Então esse desafio me parece que para conseguir participação não é só dar os meios. Mas é como a gente cria os repertórios e condições. Como a gente coloca os moleques do funk, por exemplo, para ajudar na disseminação e envolver os outros da favela? Porque o funk tem muito mais penetração, às vezes, do que muitas formas que a gente utiliza. Parece haver outras estratégias que deveriam ser usadas para atingir uma imensa parcela da população que não se sente estimulada a participar do processo. Mas quero elogiar o esforço de se estar fazendo isso, é ótimo, mas efetivamente vai depender muito de como a gente dialoga com as pessoas, especialmente nos espaços plurais. Não tem nenhum preto, as pessoas não se reconhecem, não se veem naquele local. Esse é um desafio fundamental para todos nós.

A coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier, retoma a palavra:

Quando a gente fala que quer fortalecer a escola e a escola pública como referência de participação da cidade é esse viés mesmo. E quando a gente faz o concurso Boneco só com as crianças da rede municipal. a gente tem essa perspectiva: se você quiser participar do planejamento da cidade vai ter que ir lá na escola pública e participar da dinâmica, das reuniões.

Aparte de Daniel Mancebo, coordenador geral do Escritório de Planejamento

- Só um pequeno parêntese, a gente tem os meios institucionais que muitas vezes são rígidos. Ao construir a plataforma estamos tentando quebrar isso. Não só através da plataforma, mas também pelos contatos que temos com a academia. De fato, precisamos de apoio nesse sentido, um dos principais desafios que a gente vem discutindo bastante nos fóruns onde o plano é apresentado é o seguinte: a gente sabe o potencial dos locais, mas, por vezes, a prefeitura não tem o conhecimento dessa realidade. Mas existem grupos, meios e outras possibilidades que vão muito além do aspecto “prefeitura” de estar chegando nesses territórios. De fato é muito importante saber como chegar até esses atores. Saber quem é a ponte interessante para estar chegando lá e para dialogar e construir um mundo novo de possibilidade.

Aparte do conselheiro Jailson: A diretoras das escolas são a ponte. Elas são mais mobilizadas, pois estão dentro de seus territórios e sabem quais são os meios de comunicação que existem em cada um deles. Já que o caminho é a escola e a valorização da escola pública é importante

ver a escola como elemento constituinte do território. A discussão é como você pensa a questão dos territórios. A partir daí, a galera dos CRAS ou a galera das diretorias podem estar dialogando com esses atores locais. A partir da estrutura mais próxima dos moradores que vocês têm, as escolas e os CRAs, pode-se pensar em caminhos de mobilização que atinjam o território.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Como servidor público e técnico da prefeitura, uma das preocupações que a gente tem é com a continuidade dos processos e etc. Eu me lembrei que no final do governo passado, foi lançado o Rio Visão 500. O projeto tem esse nome, pois a cidade do Rio completará 500 anos em 2065, ele tinha o mesmo período de 50 anos do plano de vocês. A minha pergunta é: houve um diálogo com aquele plano? Vocês absorveram algo?

Daniel Mancebo, coordenador geral do Escritório de Planejamento, retoma a palavra:

- Exercendo a nossa função de servidor público, não podemos desconsiderar a bagagem, os estudos que a prefeitura tem. Nós estamos usando tudo que já foi construído não só o “Rio Visão 500”, mas também a estratégia de adaptação climática que foi feita em 2016, o “Rio Resiliente” lá de trás, o “Plano de Mobilidade Urbana e Sustentável” que acabou de ser publicado. E diversos outros documentos com a potência que a prefeitura do Rio tem em termo de capacidade técnica. Na verdade, houve a utilização de todo um background que a prefeitura tem em termos de estudo.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária de Planejamento:

- Só complementando... Nós estamos bebendo de todas as fontes que conseguimos recuperar (da prefeitura) de estudos nesse sentido, mas nossa maior vontade é, a partir do momento que a gente tem isso um pouco mais desenhado e detalhado, visitar esses planos e atualizá-los. Então, o Plano de Mobilidade nós vamos revisá-lo e encaminhá-lo para a Secretaria de Transporte.

Aparte do conselheiro Jailson: Só um parêntese em relação à mobilidade: não dá para pensar em mobilidade no Rio de Janeiro só a partir de uma mobilidade física. Porque se eu não penso mobilidade econômica, que é uma coisa bastante simbólica, a gente não consegue dar conta, por exemplo, de pensar a cidade para 2050. Então, o transporte tem o seu papel, mas a mobilidade é muito mais do que isso. É importante pensar em como a gente garante a circulação na cidade.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária de Planejamento:

- Eu vou mais longe ainda: nem no físico ele está completo. Porque ele desconsidera o cicloviário, pedestres, um monte de outras coisas.

-Então, a gente tá fazendo essas críticas e olhando o material que a gente tem de insumos para gerar esse PDS e a nossa expectativa é, após a gente ter esse PDS desenhado e estruturado de uma forma bastante consistente, levar essa metodologia para demais planos para que eles não sejam só mais encorpados, no sentido de completar suas lacunas, como também possam

estabelecer, especificamente, coisas que a gente vê que alguns planos não tem (a maioria deles, né?) que são métodos, objetivos e indicadores claros. A ideia é que eles sejam documentos que possam ser acompanhados pela sociedade com objetivos específicos.

- Os planos da cidade têm que ser da cidade. E a população inteira tem que entender e poder acompanhar.

- Então, a gente tá apostando fortemente na participação da sociedade e, além disso, num processo de transparência enorme. Na mesa ao lado da minha tem a subsecretária de Transparência e ela está nos ajudando nesse projeto de entender o que a gente precisa colocar nesse sentido.

- O Daniel está desenvolvendo uma metodologia de acompanhamento dos planos para que a gente possa criar algum formato claro para que a sociedade possa entender quais são os objetivos.

- Basicamente, nós queremos mudar os paradigmas dos planos e torná-los mais efetivos, fazendo com que eles sejam da sociedade, tenham um método claro, objetivo e transparente.

- Meu sonho é que nas próximas eleições quem for fazer projeto de governo seja obrigado a olhar os planos que a gente tem na cidade e desenhar ali.

- Desejamos criar um formato de plano em que nele esteja definido o que a população deseja, e o que ela não deseja de jeito nenhum. Esse é o nosso olhar, o desenho a princípio do que a gente quer fazer.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: É possível colocar um indicador de classe social, talvez escolaridade, cor/ raça, para aquele que responde?

Aparte da coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier:

- Nós optamos por não colocar muitas perguntas, mas em uma das campanhas nós colocamos escolaridade.

Aparte de Rosana Motta, arquiteta do IPP: Vou contar rapidamente sobre a oficina que eu participei ontem sobre o Plano. A minha mesa era composta por três pessoas da Secretaria de Educação, duas da Assistência Social e uma da cultura. No final, as consultoras pediram para contarmos uma história. Eu, inspirada na nave do conhecimento, inspirada no livro do meu amigo que dizia assim para mim “ Rosana, por que livro de pobre tem que ser feio? Com material menos nobre. Por que não pode ter um projeto exemplar, belo, fantástico para levantar autoestima das pessoas menos favorecidas.”... Na mesma hora eu comecei a contar uma história que fosse para criança “Era uma vez um menino chamado futuro que amava livros. Ele tinha sede de conhecimento e que teve assim um dos seus projetos incendiados quando ele chegou na nave do futuro na Penha e viu que não estava funcionando, e depois foi

para Madureira e também não conseguiu. Ele desejava fazer uma aula de robótica e não teve oportunidade ou até uma aula de programação”.

- Eu acho que é isso. Ao invés de sempre criar novos projetos, a gente tem que aproveitar esses projetos exemplares.

- As naves do conhecimento foram implantadas próximas de comunidades e por que não pegar esse grande projeto que seria um disseminador do Plano de Desenvolvimento Sustentável? E aí novamente em parceria com várias secretarias fazer a parte de dependência química, um grande problema em nossa cidade, fazer também a parte de inovação e tecnologia.

- Então, minha proposta de projeto seria a gente revitalizar as naves do conhecimento. É um projeto de prêmio internacional. Quando olhei para você eu vi essa minha fala de ontem, essa inspiração veio na hora. “ Rosana, o que você faria? Faria o que? O que você propõe para uma mesa de educação, diante do Plano e diante do tema de Cidades Inteligentes? Primeiro ela tem que ser humana, ela tem que oferecer essa capacidade de adaptação aos novos temas, estamos em uma era muito forte de tecnologia. Nós não podemos vendiar os olhos, mas sim criar capacitações.

Aparte do conselheiro Pedro Strozenberg: Queria também parabenizar a iniciativa que é super importante. Acho que o processo, a escolha da escola, a ferramenta tecnológica são caminhos assim super valiosos. De alguma forma, esse projeto gera um acalento diante das políticas atuais.

-Queria mencionar três aspectos, primeiro é muito complicada essa questão da participação. Você diz assim “Venha participar para discutir o futuro!”, mas no seu cotidiano você não tem voz. Eu acho que a gente tem que dimensionar um pouco a expectativa e ver até onde se pode chegar, para não construir uma fantasia desse projeto valiosíssimo.

-O segundo ponto é: se a gente coloca expectativas em números de participação pode acabar se frustrando ou focar só em atingir a números e não na qualidade da informação que se tem. Claro que ter 80 mil participações seria muito bom, mas 80 mil e 1.500 podem ser equivalentes dependendo da qualidade da participação. Eu acho que é preciso construir um atingimento de metas.

Todos nós estamos comprometidos com esse tipo de política, mas é necessária uma criação de metas porque ficamos em um universo sem expectativa. Como seria chegar com uma proposta dessa no Chapadão? Vamos chegar lá na escola da Maré?! A Maré é como se fosse a “Zona Sul” das favelas, porque foi construída por um processo de participação. Agora, se você for em outra comunidade, as pessoas não querem saber sobre o futuro, mas o que a prefeitura precisa fazer hoje. (uma luz que falta no poste). Então, eu acho que tem uma dimensão que a gente precisa dosar. Saber escolher onde é que será feito o trabalho mais integrado e não específico. E terminando, acho que é um aprendizado para todos nós. Tem que ser estimulado, acredito que todos nós do conselho devemos participar, fazendo vídeos,

convidando os amigos, não para atingir números maravilhosos, mas para que possamos alcançar os processos pedagógicos de dizer que a participação é fundamental para a política pública democrática.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária de Planejamento:

- A gente sabe que, na verdade, o que a gente tá colocando agora é um processo de aperfeiçoamento da participação popular. Na verdade, essa plataforma ela é inovadora. Pelo menos a gente não localizou nenhum instrumento parecido que já tenha sido utilizado para esse objetivo.

Aparte da coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier:

- É muito legal te ouvir, pois as escolas podem ser a resposta para muita coisa.. Quando a gente começa a falar de participação escolar, como um projeto pedagógico mesmo. Não como uma audiência, mas sim como as crianças estão vendo o seu bairro hoje e como elas desenham ele amanhã. É importante criar projetos para que as escolas precisam acessar a plataforma. assim teremos, pelo menos, uma representação para cada escola.

Aparte de Daniel Mancebo, coordenador geral do Escritório de Planejamento:

- Estamos super agradecidos. Acho que posso falar em nome de toda a equipe. Eu acho que esse é um pouco do sentimento que eu estava querendo trazer para essa discussão, pois não é só uma discussão nossa. É uma discussão da cidade. Realmente a gente acha que para potencializar, por mais que a gente faça todos os esforços do mundo, há uma série de outros fatores que vão além da nossa potência. A gente nem poderia ser ambicioso nesse sentido.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária de Planejamento:

- A vontade que temos é de deixar alguma semente no dia a dia, algum exemplo de que existe um instrumento possível de se desenvolver, vontade que vai muito além de tentar chegarmos a números expressivos.

Já será um legado do PDS começar a discutir “Como é que a participação se dá? Como a gente precisa engajar a cidade? Como a escola tem que se portar para que seja democrática e participativa?” A gente sabe que nem tudo que desejamos vamos conseguir, mas nós entendemos que a partir dessa construção estamos no primeiro passo para, talvez, promover uma mudança importante.

Aparte do conselheiro Cezar Kirszenblatt: Os atores principais que podem fazer a multiplicação, eles precisam se chegar um pouco nos objetivos, então é natural isso. A área médica, por exemplo, aqui no projeto tem saúde. A área de esporte, de Bem estar. Uma área que eu não vi aqui foi cultura. Por que estou falando isso? É natural que os multiplicadores se

vejam dentro dos objetivos. Eu não gostaria de ver só o funk como disseminador. Eu desejo um Rio igual em um jogo no Maracanã, todas as classes juntas e unidas.

Aparte de Daniel Mancebo, coordenador geral do Escritório de Planejamento:

- A gente tinha falado isso na primeira apresentação que fizemos aqui, quando viemos falar do início de retomada do PDS. Mas, vamos voltar ao que foi falado da outra vez: o PDS, por mais que tenha essa integração com os ODs e vai ser a figura que vai dar conta da agenda dos ODs na cidade, ele não se esgota nos ODs. Quando a gente fala de respeitar as coisas próprias da cidade é, por exemplo, discutir uma perspectiva de segurança que os ODs não dão conta. É discutir cultura que os ODs não estão dando conta. Nós já estamos com a Secretaria de Cultura dentro do comitê. Aliás, é um dos órgãos mais assíduos em todo o processo. Logo, a gente vai tratar de cultura no PDS.

- Por mais que quando você retrate isso e tente espelhar isso na agenda dos ODs você não consiga resultado. Então, o plano vai para além dos ODs, ele dá conta dessa agenda, mas ele vai buscar tratar de outras temáticas importantes para a cidade.

Aparte de Samir Costa, coordenador de Macroplanejamento da Casa Civil

- São várias as análises que precisam ser feitas. O ODS é uma agenda muito global e, na verdade, a gente já tem um trabalho muito grande de traduzir isso para a realidade local. Então, tem algumas coisas que não se aplicam na realidade da cidade quando você olha o ODs. Esse cuidado a gente está tendo. Essas lacunas, essas ausências, a gente também está contemplando quando a gente trabalha no âmbito técnico porque todas as áreas estão sendo ouvidas. A ideia é, a partir de agora, expandir isso para fora dos muros da prefeitura. A gente vai ouvir ainda mais coisas e a ideia é ajustar em função dessa realidade da cidade. Aí tem um pouco dessa discussão da desigualdade da cidade, eu não posso ter um número frio para a cidade como um todo porque nem esse número, por mais que esteja adaptado à realidade da cidade, vai capturar algumas particularidades específicas, as questões regionais. Então, num primeiro momento ele foi orientador, mas a gente não vai se esgotar nele.

Aparte do conselheiro Jailson: Só levantando duas coisas. Primeiro, eu acho que tem uma coisa que a China faz há muito tempo, há mais de cinco mil anos, que é pensar nessas questões estratégicas mesmo. Eu acho que a gente tem que romper um pouco com essa ideia de ter que dar conta do plano agora e de que ele tem que ser implementado logo, mas precisamos construir a cultura de ter uma máquina pública do estado, que vai progressivamente enquadrando os governantes de ocasião e me parece uma coisa fundamental nesse sentido de que o grande mérito tem que ser esse: de ser é uma perspectiva para a cidade. E a segunda coisa é que o plano não é da prefeitura, é da cidade. o problema de vocês de comunicação é convencer de que não é a prefeitura que está propondo uma participação para um plano que é dela. É importante tentar minimamente criar mecanismos que ajudem com mídia espontânea e ver como se consegue acessar determinados públicos específicos. Por isso que eu falei das mídias comunitárias, como os meios de comunicação podem participar. Nós precisamos

chegar às pessoas mais vulneráveis. Eu acho que esse desafio da comunicação é importante. É tirar o plano da prefeitura e colocar mais para a cidade.

Aparte da coordenadora de estratégias de planejamento do Escritório de Planejamento, Aline Xavier:

- Nós estamos tentando captar parcerias para formar o contêiner do PDS. Nós conseguiríamos leva-los nas praças e rodar pela cidade.

Aparte de Ana Carla Badaró, Subsecretária de Planejamento:

- A gente tem uma agenda bastante intensa para o segundo semestre. Então, a gente manda para vocês, porque serão super bem vindos nas nossas discussões.